

PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E MARXISMO**PSICOLOGÍA, EDUCACIÓN Y MARXISMO****PSYCHOLOGY, EDUCATION AND MARXISM**DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v15i1.54281>Silvana Calvo Tuleski¹Giselle Modé Magalhães²Hélio da Silva Messeder Neto³Lauren Mariana Mennocchi⁴

A construção deste editorial apresentando o dossiê intitulado *Psicologia, educação e marxismo*, já de início, estabelece a problemática: de que psicologia tratamos? A qual educação nos referimos? E a qual corrente do marxismo se ancoram as anteriores? Esta caracterização não é novidade para estudiosos das áreas em destaque. Vigotski (1999), na década de 1930, em seu texto “O significado histórico da crise da Psicologia”, já anunciava a existência de diversas psicologias, com diversos objetos e, também, diversos princípios explicativos. Para o autor, este quadro denunciava a carência de uma psicologia geral que unificasse os achados psicológicos das diversas áreas e disciplinas particulares. Devido a esta lacuna, cada disciplina avançava no estudo de fenômenos específicos, com capacidades explicativas que abarcavam outras esferas, o que desembocava numa hipergeneralização: ao tentar explicar tudo, nada mais explicavam e caíam numa abstração vazia (VIGOTSKI, 1999). Tais hipergeneralizações, pela carência de um objeto e princípio explicativo uno na psicologia, ou seja, pela inexistência de uma psicologia geral balizadora, transformavam-se em meras formações ideológicas, uma fantasmagoria psicológica, acomodando-se em posições conservadoras na sociedade de classes.

No texto acima referido de Vigotski, o autor procura delinear em sua época a busca pela construção de uma psicologia marxista. Analisou criticamente as simplificações decorrentes de justaposições de excertos de textos de Marx e Lênin, com trechos de autores clássicos da psicologia, que em nenhum momento se pretenderam marxistas. Vigotski indica ser estes expedientes a construção de uma colcha de retalhos teórica, na qual se justapõe citações de autores, cuja base filosófico/epistemológica divergem. Defende que a única possibilidade de aproximação entre teorias seria pela apropriação do método de análise de Marx, para guiar

a construção de uma psicologia concreta. Para ele, era em vão buscar uma psicologia pronta e acabada nos escritos de Marx ou Lênin, como seria arbitrário enxertar materialismo histórico e dialético em construções teóricas nas quais este inexistia, como o caso das variantes da psicologia burguesa.

Sève (2018) também discute a disputa em torno da obra de Vigotski, no interior das contradições existentes entre as diversas correntes que se autointitulam marxistas

Para os stalinistas, Marx não estava suficientemente presente no trabalho de Vigotski; para os tradutores americanos, por outro lado, ele estava presente demais. Esta indefensável iniciativa intelectual teve sérias consequências: para começar, a percepção norte-americana de Vigotski foi desmarxizada, e isto se espalhou para as várias traduções do resumo americano de seu trabalho e, apesar de tudo o que foi feito para remediar esta situação nos EUA desde então, pode-se perguntar se alguns vestígios desta subestimação original permanecem (SÈVE, 2018, p. 2).

Concordamos com o autor, que para o leitor desavisado, que busca indícios exteriores para poder dizer se uma psicologia é ou não marxista, dificilmente os achará facilmente na obra de Vigotski. Fiel à sua crítica, não reproduz em seus textos a superposição de trechos de Marx, Lênin ou Engels em suas investigações, mas o materialismo histórico é o esqueleto e base de sustentação de toda a sua análise dos fenômenos psicológicos. Não só critica os expedientes externos de formação de colchas de retalho, mas demonstra como fazer, como incorporar o método de análise marxiano na investigação psicológica, como base de sustentação aos conceitos específicos da Psicologia.

É precisamente neste sentido que a “psicologia precisa de seu próprio Capital”: isto não significa copiar o Capital para a psicologia – uma tarefa idiota – mas criar o equivalente do que Marx fez na economia. Se não compreendermos, se aplicarmos generalidades marxistas à psicologia, obteremos apenas “construções escolásticas, verbais”, e pior: “uma distorção grosseira tanto do marxismo quanto da psicologia”. (SÈVE, 2018, p. 6)

Mas, para vê-lo - e aqui atacamos o cerne da questão - é preciso saber que contribuições fecundas o pensamento marxista faz para a pesquisa psicológica. (...) E como não podemos compreender aquilo do qual nada sabemos, o pensamento marxiano em Vigotski permanece invisível para muitos leitores onde quer que não seja explicitamente apontado (o que raramente é o caso) por uma pequena faixa que diz “aqui, Marx”. (SÈVE, 2018, p. 8)

Nestes breves parágrafos, procuramos demonstrar a problemática da existência de diversas psicologias, com diversos objetos e diversos princípios explicativos. E, ao mesmo tempo, os perigos das deturpações, por justaposições ingênuas ou arbitrárias, mas também pela retirada de fundamentos essenciais, como é o caso de intérpretes da Psicologia Histórico-Cultural, especialmente dos escritos de Vigotski.

Quando avançamos para a segunda questão, que se refere à educação, o quadro não é muito diferente, pois também temos múltiplas concepções de educação. Se Vigotski, no texto sobre a crise da psicologia, nos indica o caminho para pensar a unidade psicologia e marxismo, por onde seguiríamos quando a educação se põe em tela?

Entendemos que Pistrak (2011, 2013), em seu tempo histórico, e Saviani (2004, 2008), na atualidade, nos orientam sobre como separar o joio do trigo também neste campo. O ponto de partida está na resposta à seguinte questão: quais as finalidades da educação? Desta questão, aparentemente simples, se desdobra: educamos quem e para que? Conforme as respostas, ingênuas ou não, a educação defendida se aproximará ou distanciará, em um primeiro momento, de correntes radicais ou revisionistas do marxismo.

No período que sucede a Revolução de 1917, na empreitada coletiva de reestruturação de todo sistema educacional soviético sobre outras bases, Pistrak (2011) demonstrava que, mesmo após a revolução, as contradições estavam presentes, devido à herança do período pré-revolucionário, desde as concepções sobre a neutralidade da educação, até a importação de métodos de forma acrítica. Para ele, **“a ideia de uma educação apolítica ou neutra não passa de uma hipocrisia da burguesia, um meio de enganar as massas”**, pois na sociedade de classes “são muito íntimas as relações entre o aparelho político e o ensino, embora a sociedade burguesa não possa reconhecê-lo; entretanto, esta sociedade educa as massas através da Igreja e por intermédio de todas as organizações que se baseiam na propriedade privada” (PISTRAK, 2011, p. 18-19, grifos nossos em negrito, .

Advogar a neutralidade da educação é um expediente para escamotear o direcionamento político conservador dado a ela. Deste modo, defendia que a educação pós-revolucionária precisava explicitar suas finalidades, construindo uma teoria e prática pedagógica constantemente revolucionária: “Sem uma teoria de pedagogia social, nossa prática levará a uma acrobacia sem finalidade social e utilizada para resolver os problemas pedagógicos na base das inspirações do momento, caso a caso, e não na base de concepções sociais determinadas” (PISTRAK, 2011, p. 19). Revelar o papel que assume a escola nas mãos da burguesia, para reorganizá-la tendo em vista os interesses da classe trabalhadora, era o objetivo central da reestruturação do sistema educacional soviético. Como diz o autor:

A escola sempre foi uma arma nas mãos das classes dirigentes. Mas essas não tinham nenhum interesse em revelar o caráter de classe da escola (...) se esforçavam para mascarar a natureza de classe da escola, evitando colaborar na destruição de sua própria dominação. Ao contrário, **um dos problemas da revolução social é exatamente o de mostrar a natureza de classe da escola no contexto de uma sociedade de classes** (PISTRAK, 2011, p. 23, grifos nossos).

Caberia à escola não só educar as novas gerações, mas reeducar as antigas partindo de novos fundamentos: “1) a **elaboração das bases da visão de mundo marxista**, sendo que esta elaboração não deve ser nem abstrata, nem dogmática, mas real, diríamos **transformadora do mundo**; 2) a tendência para o **ensino pelo trabalho**, ou melhor, **pela produção**, que concretiza o conhecimento e dá possibilidade de **domínio de objetivos concretos definidos, pelo método da ciência**; 3) **formação e direção dos interesses da juventude**, isto é, aquilo que chamamos **domínio organizado da vida**” (PISTRAK, 2013, p.117, grifo nosso).

Com relação à formação de professores, não seria suficiente no entendimento do autor apenas fornecer um conjunto de indicações práticas, “mas **armá-lo de modo que ele próprio seja capaz de criar um bom método, baseando-se numa teoria sólida de pedagogia social**; o objetivo é empurrá-lo no caminho desta criação” (PISTRAK, 2011, p. 20, grifos nossos). Para isso, o objeto da educação, sua organização e seus objetivos seriam totalmente novos, cada proposta importada da sociedade burguesa precisaria ser analisada tendo em vista a educação social para a consolidação de uma sociedade sem classes, considerando um longo período de transição:

Que tipo de homens a fase revolucionária em que vivemos atualmente (e que será provavelmente muito longa) exige de nós? À pergunta podemos dar a seguinte resposta: A fase em que vivemos é uma fase de luta e de construção, construção que se faz por baixo, de baixo para cima, e que só será possível e benéfica na condição em que cada membro da sociedade compreenda claramente o que é preciso construir (e isto exige a educação na realidade atual) e como é preciso construir. **A solução do problema exige a presença e o desenvolvimento das três seguintes qualidades: 1) aptidão para trabalhar coletivamente e para encontrar espaço num trabalho coletivo; 2) aptidão para analisar cada problema novo como organizador; 3) aptidão para criar as formas eficazes de organização** (PISTRAK, 2011, p. 32, grifos do autor em itálico e grifos nossos em negrito).

Pistrak (2011, 2013) denunciou as deturpações dos princípios educativos revolucionários pela incorporação acrítica de concepções educacionais burguesas. Vale destacar que suas críticas renderam a ele e outros pedagogos responsáveis pela reestruturação do sistema educacional a punição com fuzilamento em 1937.

Em nosso país, desde a transição da ditadura ao Estado Democrático de Direito, temos como autor de referência Saviani (2004, 2008b), elaborador da Pedagogia Histórico-Crítica. Saviani (2004, 2008b) também demonstrou a unidade orgânica de certas concepções psicológicas e tendências pedagógicas, que desembocavam numa educação adaptativa de distintas formas, aos ditames da sociedade capitalista. A resposta à questão sobre as finalidades da educação numa dada sociedade orienta a organização dos conteúdos e dos procedimentos de ensino. Numa sociedade de classes, permeada pela luta de classes, a finalidade da educação está em disputa, do mesmo modo que as consciências. É no jogo contraditório entre as tendências hegemônicas e seus domínios institucionais, e as tendências contra-hegemônicas, que emergem das lutas da classe trabalhadora, que o movimento se dá. Neste jogo é necessário revelar e desvendar as tendências conservadoras por detrás de discursos progressistas, as velhas ideias customizadas com novas cores e brilhos sedutores. Mas, o que seria esta luta?

Luta hegemônica significa precisamente: processo de desarticulação-rearticulação, isto é, trata-se de desarticular dos interesses dominantes aqueles elementos que estão articulados em torno deles, mas não são inerentes à ideologia dominante e rearticulá-los em torno dos interesses populares, dando-lhes a consistência, a coesão e a coerência de uma concepção de mundo elaborada, vale dizer, de uma filosofia (SAVIANI, 2004, p. 3).

Saviani (2008 a e b) deixa evidente, tal como Pistrak, a importância da devida clareza em termos de resposta às perguntas anteriores. **Considerando o ponto de vista da classe trabalhadora, educamos quem e para que?** A resposta está dada na passagem abaixo:

Em conclusão, o enfrentamento dos desafios postos à educação pública pela sociedade de classes passa, do ponto de vista da pedagogia histórico-crítica, pela luta por uma escola pública que garanta aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais, entendida como um componente na luta mais ampla pela superação da própria sociedade de classes. Devemos, pois, nos empenhar em ampliar diuturnamente o processo de conquista da escola pública pelos trabalhadores, considerada como um espaço vital para a apropriação, por parte desses mesmos trabalhadores, dos conhecimentos sistematizados, isto é, da ciência como força produtiva, sem perder de vista, em momento algum, o horizonte de construção de uma sociedade sem classes, pois só então as conquistas perfilhadas serão definitivamente asseguradas (SAVIANI, 2008a, p. 271).

A resposta, portanto, baliza a análise dos modismos pedagógicos que se apresentam cotidianamente aos professores e alunos, os quais de modo mais ou menos explícito ou implícito, visam abolir a capacidade

crítica de professores e estudantes, afastá-los de uma compreensão multideterminada do fenômeno educativo, transformado em mercadoria, seduzem com mudanças terminológicas que colocam novos rótulos em velhos produtos, distanciando cada vez mais a classe trabalhadora e seus filhos, das possibilidades efetivas de compreenderem a sociedade e modificá-la radicalmente.

Vimos até agora que não é qualquer psicologia, mas também não é qualquer educação que nos interessa, mas sim a articulação de ambas tendo em vista a superação da sociedade de classes, o que demanda uma análise histórica radical, portanto, ancorada nos princípios do materialismo histórico e dialético de Marx. Dito isso, temos outro problema no horizonte, referente aos “marxismos”, como já apontado por Löwy (1987), Mészáros (2006), dentre outros. Não temos como nos aprofundar nas discussões realizadas pelos autores, interessa-nos destacar que a luta de classes, não é algo externo ao desenvolvimento das ideias de Marx e as diversas “correntes” o demonstram, desde aquelas que se aproximam de um polo idealista, até outras que vão na direção oposta, de um materialismo vulgar. Neste pêndulo escorregadio, apenas uma análise sócio-histórica e concreta, em termos de interesses de classe e suas particularidades geográficas, históricas, de gênero e raça, permite desnudar os avanços e recuos, bem como os desdobramentos de uma dada ciência social: “A história da ciência não pode ser separada da história em geral, da história da luta de classes em particular” (LÖWY, 1987, p. 100).

Este jogo de claro-escuro epistemológico, esta dialética paradoxal entre utopia ‘reacionária’, ideologia ‘progressista’ e ciência social – presentes em Marx como sugestão ou corolário implícito – indicam a necessidade de superar toda visão linear e evolucionista do desenvolvimento da ciência social e de sua relação com o campo da luta de classes (LÖWY, 1987, p. 106).

Esta mesma chave de análise precisa ser utilizada em relação aos “marxismos”, a deturpação, os avanços e recuos, precisam e devem ser iluminados pelos acontecimentos históricos:

A démarche de Marx tem a grande vantagem de evitar os dois recifes onde o marxismo posterior encalhará (bastante frequentemente), com uma vontade e uma obstinação sempre renovadas: o reducionismo sociológico (ou ideológico ou econômico) que não percebeu os confrontos teóricos e científicos senão em termos de interesse de classe, e o positivismo vergonhoso, que pretende dissociar inteiramente o desenvolvimento da ciência social (e o marxismo em particular) da luta de classes e dos conflitos ideológicos (LÖWY, 1987, p. 109-110).

Sobre isso, Mészáros (2006) traz os artifícios em torno do debate entre o “jovem Marx” e o “velho Marx”, o primeiro dedicado aos problemas da alienação e o segundo, na elaboração do socialismo científico. Nesta celeuma, partidários de campos políticos opostos estão juntos: uns idealizando o jovem Marx humanista, em oposição aos últimos escritos economicistas, e outros, rejeitando os primeiros escritos como idealistas, por sua vez considerando somente os últimos como “pensamento maduro”. De acordo com o autor, “a separação altamente não-dialética do jovem Marx com respeito ao velho Marx não desapareceu nos anos que se seguiram à década de 1930. Ao contrário, a afirmação de uma suposta ruptura tornou-se um lugar-comum aceito em considerável parte da literatura filosófica atual” (MÉSZÁROS, 2006, p.198).

Algo em comum está posto na ideia do abandono da teoria da alienação por Marx, que Mészáros (2006) rejeita veementemente, considerando o conceito de alienação como central em todo o sistema marxiano. “Abandoná-lo, ou traduzi-lo unilateralmente, equivaleria, portanto, a nada menos do que a

demolição total do próprio edifício, e quem sabe a reconstrução de apenas sua chaminé. Não há dúvidas de que algumas pessoas estiveram – ou ainda estão – empenhadas em tais operações, tentando construir suas teorias ‘científicas’ com base em escombros decorados com terminologia marxista. A questão é que os seus esforços não devem ser confundidos com a própria teoria de Marx” (MÉSZÁROS, 2006, p.207).

Sua análise sobre as numerosas versões da abordagem Jovem versus Velho Marx não é a negação da existência de evolução no pensamento do autor, mas de uma ideia dramatizada de inversão radical de sua investigação, que opõe economia política e filosofia ou vice-versa, usando-se a autoridade de Marx para apoiar este expediente. Tal tentativa de “limpar” Marx, separando sua dita filosofia de sua militância, revela a busca por usar os seus escritos de modo “neutro”, o que fica confortável para ajustá-los à outras posições na luta de classes. Vejamos o que diz Mézáros (2006):

Não é, portanto, verdade que o velho Marx não tenha tempo ou interesse para dedicar-se aos problemas da filosofia. Seu interesse pela filosofia nunca foi “filosófico”: foi sempre humano e prático. Assim como seu interesse pela economia política nunca foi meramente “científico-econômico”: foi também humano e prático (p.214).

No século XX, Marx não podia mais ser ignorado. A melhor maneira de neutralizar seu impacto intelectual era, portanto, promover uma interpretação existencialista de seu pensamento, que consistiu basicamente na mistificação da concepção historicamente específica – anticapitalista – da alienação (p.222).

Vemos, portanto, que nem a obra de Marx escapa a “correntes interpretativas” e seus “ajustes”. Temos, pois, várias Psicologias, diversas proposições em Educação, bem como correntes marxistas. Como resultado, podemos encontrar um leque amplo desta combinação proposta neste dossiê, que se intitula *Psicologia, educação e marxismo*. A discussão aqui apresentada não tem por objetivo desanimar leitoras e leitores na leitura do dossiê, mas instigá-las/os, identificando as múltiplas combinações possíveis. Tais combinações diversas revelam e/ou encobrem posições no interior da luta de classes. Como nos desafia Politzer (1978) em seu texto “Para quem você escreve?”, propomos aqui o mesmo desafio a escritoras/es e leitoras/es:

Mas se se considera toda a extensão e toda a profundidade da luta de classes, então fica claro que a questão não é, para o escritor, saber se ele toma parte nela ou não. A questão é saber como, e na conta de quem, ele toma parte nela; se ele representa o joguete inconsciente e mais ou menos aperfeiçoado de forças sociais que ignora, ou se representa um fator consciente. “Para quem você escreve?” significa antes de qualquer coisa: você sabe para quem escreve? Significa em seguida: “as consequências sociais de seus textos correspondem às intenções que o animam ao escrever?”. E, por essa razão, penso que devemos manter e repetir incansavelmente a pergunta “para quem você escreve?”, e devemos inclusive responder no lugar daqueles que, por si próprios, não responderão (p.5-6).

Desta provocação, partiremos para a apresentação do presente número da revista *Germinar: marxismo e educação em debate*, no qual reunimos contribuições que visam representar, dentro dos limites de um dossiê científico, como psicologia, educação e marxismo vêm sendo estudados e compreendidos em nosso país neste momento histórico. Vale ressaltar que antes de iniciar a construção deste número, fizemos um levantamento dos diversos grupos de pesquisa no Brasil que dialogam com a articulação entre as referidas áreas, para os quais enviamos a divulgação da chamada aberta deste número. Assim como realizamos alguns convites específicos para autores e autoras que vêm representando publicamente as diferentes correntes e concepções de psicologia, educação e marxismo no país. Infelizmente não conseguimos algumas

contribuições de pesquisadores e pesquisadoras que têm se destacado neste debate, mas certamente temos excelentes textos para seguir o diálogo e a produção do conhecimento científico.

Desta forma, abrimos este número com uma instigante entrevista que coloca nossos/as leitores/as em contato com os problemas da psicologia enquanto ciência na atualidade. A entrevista foi realizada pelo Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural (LAPSIHC), vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) com o professor Carl Ratner, aposentado pela Universidade de Humboldt e diretor do Institute for Cultural Research and Education, na Califórnia, nos Estados Unidos da América. Conhecido internacionalmente por afirmar a necessidade de uma psicologia crítica e por estudar o marxismo com a finalidade de construir uma psicologia dialética, Ratner parte das propostas da antipsiquiatria e defende a construção de uma Psicologia Macro-cultural.

A seção **Debate** conta com 16 artigos enviados por pesquisadores e pesquisadoras de diversas universidades do Brasil. Júlia Ireno Di Flora, Sílvia Mendonça Carneiro, Soraya Souza de Andrade e Pedro Henrique Antunes da Costa abrem o debate trazendo uma ampla e necessária discussão sobre a psicologia na realidade brasileira. A partir das contribuições de José Carlos Mariátegui, os/as autores/as defendem caminhos para a construção de um saber-fazer psi atento à totalidade e comprometido com as maiorias populares. Na direção de um debate mais amplo sobre a história da psicologia brasileira, Lygia de Sousa Viégas apresenta uma análise acerca do Materialismo Histórico-Dialético na obra de Maria Helena de Souza Patto, autora que é referência para a psicologia educacional no Brasil e que merece a nossa compreensão para pensarmos nos caminhos desta ciência.

A Psicologia histórico-cultural mostrou-se aporte de diversas investigações nesta seção. Com base nela, Terezinha Martins dos Santos Souza analisa as relações entre divisão sociosexual do trabalho, linguagem e família no engendrar das desigualdades de gênero. Ao adentrar conceitos mais específicos da teoria e visando compreender a formação subjetiva dos indivíduos, Juliano Baltazar Pereira debate o desenvolvimento do psiquismo e da concepção de mundo no período hegemônico pelo neoliberalismo e sua variante ideológica, o social-liberalismo. E Jennifer Zanela, André Malina, Ângela Celeste Barreto de Azevedo e José Milton de Lima, amparados pela obra de L.S. Vigotski, apresentam a categoria consciência, compreendida como unidade corpo-mente, como possibilidade de superação da crise de método e do dualismo que permeia a ciência psicológica até os dias atuais.

Flávia Gonçalves da Silva e Sandro Henrique Vieira de Almeida também debatem o conceito de consciência como unidade psicofísica a partir das proposições de Lev S. Vigotski, e apontam as implicações desta compreensão para a prática pedagógica. Assim como Saulo Vieira, Wanda Maria Junqueira de Aguiar, Isabel Cristina Fernandes Ferreira e Ana Ignez Belém Lima contribuem com o debate apresentando elementos psicológicos e pedagógicos da formação humana, à luz da Teoria Histórico-Cultural, para compreender a imagem e o processo gerador subjetivo da realidade objetiva.

No que se refere ao método e possíveis procedimentos investigativos que nos auxiliam na condução das pesquisas com o aporte da psicologia histórico-cultural e direcionadas para a educação escolar brasileira, Cárita Portilho de Lima e Herculano Ricardo Campos apresentam uma discussão fundamental sobre o

experimento formativo proposto por Lev S. Vigotski, metodologia que merece destaque e atenção nas pesquisas brasileiras.

A psicologia histórico-cultural também subsidia a análise de Saulo Rodrigues de Carvalho e Alessandro Melo sobre a crítica da pedagogia socialista aos pressupostos construtivistas a respeito da aprendizagem dos indivíduos. Nesta direção, Nathania Vaz Santiago e Nilson Berenchtein Netto investigam as determinações materiais, bem como as expressões filosóficas, políticas e ideológicas do processo de adesão às metodologias ativas na formação do profissional da saúde. Trata-se de uma análise crítica e rigorosa à luz do materialismo histórico-dialético.

No que se refere às áreas de atuação da psicologia, a seção **Debate** apresenta três artigos que contribuem com a educação de jovens e adultos. Fundamentada na psicologia histórico-cultural, Graziela Lucchesi Rosa Silva debate a centralidade do trabalho na aprendizagem e no desenvolvimento de trabalhadores jovens e adultos. Ana Karina Amorim Checchia, Marilene Proença Rebello de Souza, Raphael dos Santos Gonçalves e Victor Barone debatem as concepções de professores da Educação de Jovens e Adultos sobre o fracasso escolar a partir da perspectiva crítica em psicologia escolar fundamentada no pensamento marxista. E Adriana Borborema, junto com Anabela Almeida Costa e Santos Peretta apresentam importantes questões relacionadas às vivências educacionais no cárcere, debatendo as contradições postas a este segmento de ensino e caminhos para a emancipação.

Na área da saúde a seção apresenta o trabalho de Carlos Eduardo Carrusca Vieira e Bárbara Katherine Faris Biondini, em que analisam a pertinência de premissas marxianas para a saúde mental relacionada ao trabalho e sua incorporação pela psicopatologia do trabalho de Le Guillant.

Por fim, mas não menos importante, temos ainda dois artigos que discutem as possibilidades de aproximação entre a psicanálise e o marxismo, temática presente na história da psicologia mundial. Mayra Carneiro de Carvalho e Rita Manso aproximam Freud e Marx a partir do caráter ilusório que permeia a relação dos indivíduos com o Estado e demais instituições. Para tal, as autoras trazem a crítica da religião e a crítica do Estado. Já Larissa Bulhões e Márcio Magalhães da Silva fazem uma crítica consistente acerca dos limites epistemológicos da articulação entre psicanálise e marxismo, defendendo a construção de uma psicologia materialista histórico-dialética.

Com isso, encerramos a seção **Debate** com a expectativa de termos reunido parte da diversidade de temáticas, áreas e concepções teóricas que permeiam o campo da psicologia, educação e marxismo no Brasil. Saudamos os autores e as autoras que socializaram conosco parte de suas pesquisas e estamos certos/as de que ainda há muito o que se fazer para superarmos não só a crise da psicologia ou os rumos da educação no país, mas, principalmente, a sociedade capitalista, determinante, em grande medida, destas contradições e conflitos.

A seção de **Artigos** deste número abre com uma excelente discussão de cunho teórico-metodológico. Amanda Moreira da Silva, no artigo “A importância da concepção da Enquete operária de Marx para pesquisas no âmbito do sindicalismo em Educação”, resgata a concepção de Enquete Operária de Karl Marx. O questionário apresentado é visto pela autora como uma forma rica de determinações para pensar o desenvolvimento de pesquisas empíricas no contexto do sindicalismo da educação. Longe de ser

uma transposição mecânica, Amanda nos brinda com uma reflexão sobre o instrumento de pesquisa sem romantizá-lo, defendendo que se extraia dele seu núcleo válido metodológico para pensar o cenário atual. A autora ainda termina o texto com um exemplo empírico de uma pesquisa realizada pela Associação de Docentes da Universidade do Rio de Janeiro realizada no contexto de Covid-19.

Ainda no campo das discussões metodológicas, o texto “Sobre os limites de uma crítica ontológica incompleta dos métodos em economia” de Álvaro Martins Siqueira defenderá uma crítica ontológica aos métodos da economia. Olhando para as bases epistemológicas da ciência, o autor defende que a crítica à economia deve ser feita tendo como referência o realismo crítico e a crítica ontológica do capitalismo feita por Marx.

Na toada de retomar conceitos marxianos, temos o artigo “A dimensão dialética do trabalho na produção científica da educação”, de autoria de Sheila Nunes Pereira. A partir da dimensão dialética do trabalho em Marx, a autora avalia teses e dissertações que tem como descritor a ideia de trabalho abstrato. O texto chega a conclusão da existência de duas concepções: uma que nega o caráter trans-histórico do trabalho concreto e outra que reduz o trabalho abstrato ao trabalho produtivo

O quarto artigo desta seção intitulado “Educação escolar e marxismo: um breve retorno aos escritos marxianos” também defende o retorno aos textos de Marx e Engels para trazer concepções e reflexões sobre o fenômeno educativo. Segundo Fernanda Bartoly Gonçalves de Lima, autora do texto, é possível encontrar nos textos marxianos uma defesa por uma educação pública, gratuita que seja omnilateral e articulada com o trabalho produtivo.

O texto seguinte, “Educação para o mercado: notas a partir da teoria da alienação marxiana”, traz o conceito de alienação como linha mestra da sua argumentação. De posse do que ele chamou de “teoria da alienação marxiana”, Lucas Trentin Rech, autor do texto, defende que há uma impossibilidade de existir uma educação realmente humanista em instituições burguesas públicas ou privadas. O autor conclui defendendo que um projeto popular de educação deve ser pensado fora das instituições de domínio da classe dominante.

O sexto texto desta seção terá como objeto de análise a educação profissional. Marcelo Lira da Silva discute, de modo competente, o papel da educação tecnológica na rede federal em um contexto brasileiro em que há uma franca desindustrialização do país. Assim, o artigo “Integrações desintegradas: os (des)caminhos da educação profissional e "tecnológica" no Brasil” é importantíssimo para entendermos a educação tecnológica brasileira.

Os dois textos seguintes têm a Paraíba como contexto. No primeiro, “Ideologia neoliberal, trabalho docente e educação: uma reflexão sobre a lógica hegemônica na educação básica paraibana” de autoria de Diego Pessoa Irineu de França, Edineide Jezine Mesquita Araújo e Rhoberta Araújo vemos uma análise da ascensão neoliberal na educação básica paraibana. Com base em dados de fontes secundárias e documentos oficiais, os autores dos artigos demonstram como a ideologia burguesa está presente de forma patente no currículo do estado da Paraíba. O segundo, tem como título “A cruz de Cristo contra o "perigo vermelho": a ação educativa da Igreja na organização dos sindicatos rurais no sertão da Paraíba”, escrito por Francisco das Chagas Silva Souza e trata a ação da Igreja Católica na organização do Sindicato dos Trabalhadores

Rurais de Pombal e Lagoa (STRPL) no sertão paraibano. A partir das atas dos sindicatos, o autor nos mostrará como os padres desempenharam um papel de liderança e controle dos trabalhadores rurais, pregando, entre outras coisas, anticomunismo e união entre as classes.

O texto subsequente é intitulado “Os desafios para a área de educação física a partir da dialética enquanto lógica e teoria do conhecimento” e traz uma discussão sobre a Educação Física numa perspectiva marxista. Gabriel Vielmo Gomes e colaboradores vão defender como uma perspectiva materialista histórica-dialética é essencial para o tratamento do conhecimento dessa área. Segundo o texto é urgente a elaboração de um trabalho pedagógico para a Educação Física pautado nos ditames do conhecimento científico, em níveis não alienantes que, por sua vez, sintetizam o movimento constante entre teoria e prática.

O artigo “O mar não está para peixe: análise marxista dos discursos contidos no documentário "Seaspiracy: mar vermelho (2021)" de Luísa Gonçalo Prá e Adriana D'Agostini aponta para uma investigação, ainda inicial, mas original de como se pode pensar a análise de filmes e documentários a partir do materialismo histórico-dialético. Tomando como objeto de análise o documentário Seaspiracy: mar vermelho, as autoras mostram os limites e potencialidades que aparecem nessa peça audiovisual quando se pensa questões de cunho ambiental.

Na seção *Debate* tivemos um texto em que a categoria vivência foi mobilizada para tratar do debate sobre o cárcere. O tema volta a aparecer nesta seção, mas dessa vez sobre o viés pedagógico. O texto “Novos arranjos judiciais e a Pedagogia Histórico-Crítica para jovens infratores” de Julio Cesar Francisco traz uma aproximação entre a pedagogia histórico-crítica e o campo da justiça juvenil. O texto, apesar de ainda lacunar, traz uma aproximação importante entre a temática da privação de liberdade e a teoria pedagógica histórico-crítica.

No artigo “As contribuições metodológicas de Mao Zedong: notas para uma crítica do Estado soviético” encontramos um debate sobre o Estado Soviético a partir da perspectiva maoísta. João Guilherme Alvares de Farias não tem a pretensão de esgotar o tema e nas suas conclusões termina por levantar um conjunto de questões sobre a temática que ainda carecem de pesquisa.

A seção é encerrada com um debate sobre a guerra. O artigo “A guerra como parteira do capital” de Gustavo Mello traz os nexos entre a guerra, acumulação primitiva e capital. O texto nos faz um alerta importante sobre o momento atual da reprodução capitalista, nos mostrando como as origens bélicas do capital estão em constante atualização .

Na seção **Documentos/Clássicos**, Marília Daefiol Herrero Gomes nos oferece a tradução de um texto clássico para a psicologia soviética: A situação social de desenvolvimento, de L. I. Bozhovich. Trata-se de uma tradução realizada com base na publicação do texto “The social situation of child development” de Lídia Bozhovich publicado no Journal of Russian & East European Psychology. Neste texto Bozhovich discute dois conceitos propostos por Vigotski: o conceito psicológico de idade e a situação social do desenvolvimento. A segunda parte do capítulo aborda a concepção de Bozhovich a respeito do conceito de perejivanie. Um documento clássico para os estudiosos da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem.

Nesta mesma seção, temos uma entrevista que resgata a memória de uma grande pesquisadora e médica que marcou a história da psiquiatria no Brasil: Nise da Silveira. Temos grande satisfação em publicar parte da entrevista feita pela Profa. Dulce Chaves Pandolfi, no Rio de Janeiro/RJ, em 1992, e gentilmente cedida Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Entendemos que os temas tratados nesta entrevista ajudam na disputa pela memória histórica e servem para lembrar psicólogos/as, profissionais da saúde e da educação que as nossas formas de atuação profissional passam também pelo compromisso político com a nossa classe.

Flávia da Silva Ferreira Asbhar abre a seção **Resenhas** apresentando um livro clássico para a psicologia soviética, qual seja, *Atividade, consciência e personalidade*, de Aleksei Nikoláievitch Leontiev. Traduzido direto do russo por Priscila Marques e publicado em português pela primeira vez em 2021, pela editora Mireveja (Bauru/SP), este livro é a referência de conceitos centrais que fundam, dentre outros, a teoria histórico-cultural, psicologia histórico-cultural, psicologia sócio-histórica, ou ainda, a teoria da atividade.

Andressa Carolina Viana dos Santos apresenta o livro *Inconsciente e adoecimento psíquico na psicologia soviética*, de Flávia Gonçalves da Silva. Publicado em 2022, pela Appris Editora (Curitiba/PR), a autora aborda o conceito de inconsciente, explicando-o pela sua constituição histórico-social, e aponta sua vinculação com a realidade concreta, que nos tem feito adoecer. Certamente esta é uma discussão essencial que faz avançar nossa compreensão sobre a psicologia soviética e orienta a atuação de psicólogos/as e educadores/as comprometidos com a transformação social.

A última resenha do dossiê é escrita por Luiz Gustavo Saboya de Castro Mota que nos apresenta o já clássico e incontornável livro de Marx: *Os despossuídos*: debates sobre a lei referente ao furto de madeira. A resenha destaca a importância da obra no pensamento marxiano e nos ajuda a situar o texto dentro do contexto em que foi escrito. A resenha, certamente assume um papel didático de ajudar a orientar leitores e leitoras que queiram imergir na obra de Karl Marx.

Certos/as das significativas contribuições que este número da revista traz para a produção científica em nosso país, agradecemos aos autores e às autoras que enviaram seus trabalhos para este número e, também, aos/às pareceristas que contribuíram com o debate a partir de uma leitura atenta e cordiais sugestões para os artigos selecionados. Se o caminho para a construção de uma sociedade humana e justa é longo e árduo, somente podemos atravessá-lo de forma fraterna e verdadeiramente coletiva.

Referências:

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen**: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Busca Vida, 1987.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

PISTRAK, Moisey.M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PISTRAK, Moisey M. (org.). **A escola-comuna**. Tradução de Luiz Carlos de Freitas e Alexandra Marenich. 2. ed.. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAVIANI, Demerval. Educação Socialista, Pedagogia Histórico-Crítica e os desafios da sociedade de classes. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval (Orgs.). **Marxismo e Educação: debates contemporâneos**. 2ª Edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2008a.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 15. ed. Coleção educação contemporânea. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 10. ed. revista. Coleção Educação Contemporânea. Campinas, SP: Autores Associados, 2008b.

SÈVE, Lucien. **Où est Marx dans l'œuvre et la pensée de Vygotski?**. In: 7º Séminaire International Vygotski, juin 2018. Disponível em: < https://www.unige.ch/SIV2018/files/Seve_2018_Vygotski-Marx.pdf > Tradução publicada no site do Kátharsis. Traduzido por Bruno Bianchi.

VIGOTSKI, LEV.S. O significado histórico da crise da Psicologia. In: VIGOTSKI, L.S. **Teoria e Método**. Martins Fontes: São Paulo, 1999, p. 203-417.

Notas

¹ Psicóloga, Doutora e pós-doutora em Educação Escolar pela UNESP- Campus de Araraquara/SP. Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá/PR. Participa dos Diretórios de Pesquisa/CNPq intitulados: Estudos Marxistas em Educação, Psicologia Histórico-Cultural e Educação e do Grupo de Estudos e Pesquisas em educação Infantil. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0105108434995580> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6967-2548> .E-mail: silvanatuleski@gmail.com

² Psicóloga, Doutora em Educação Escolar. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Concreta (GEPCO). Atualmente é professora adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/2726281356078379> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4045-7040> E-mail: gislemagalhaes@ufscar.br

³ Possui graduação em Química pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Doutorado pelo programa de pós graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da UFBA Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia.É líder do grupo de pesquisa ENCONCIENCIAS (Grupo de Pesquisa em Ensino Concreto de Ciências). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5284620682449345> . Orcid; <http://orcid.org/0000-0002-6620-2989> . E-mail helioneto@ufba.br

⁴ Psicóloga, Doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC SP. É integrante do Grupo de Pesquisa "A dimensão subjetiva da desigualdade social?" PUC SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2665089076526893> Orcid: E-mail laurenmenocchi@gmail.com

Recebido em: 29 de abr. 2023

Aprovado em: 29 de abr. de 2023

Em dezembro de 2023 foi divulgada a avaliação Qualis Capes de classificação de periódicos para o período de 2017-20220. Na área de educação, a [Germinar: marxismo e educação em debate](#) está classificada como A2.

De um lado, como marxistas, entendemos que é imprescindível avançarmos na crítica e superação dessa métrica avaliativa dos periódicos que reforça uma dinâmica produtivista e meritocrática, acelerando e automatizando o processo de produção de conhecimento. Por outro, entendemos que uma revista marxista bem avaliada ajuda pesquisadoras e pesquisadores do nosso campo a vincularem suas ideias e produções e, ao mesmo tempo, se manterem ativas na pós-graduação formando novos quadros.

Imersas/os nesse processo contraditório, escrevemos para agradecer as/aos nossas/os leitoras/es, autoras/es e pareceristas que ajudaram a revista a chegar mais longe seja no que se refere à sua classificação na Capes, mas principalmente no processo de ideias revolucionárias no campo acadêmico.

Destacamos que esse conceito alcançado pela [Germina](#)l: *marxismo e educação em debate* neste quadriênio é trabalho **do corpo editorial anterior**. Assim, não podemos deixar de agradecer e reconhecer o legado transmitido pelas professoras Elza Peixoto, Maria de Fátima Félix Rosar e pelo professor Pedro Leão da Costa Neto que permitiram a revista ser classificada nesse estrato.

O novo Comitê editorial, composto em 2021, espera seguir à altura dessa revista e almeja manter a qualidade do periódico, não só na classificação da Capes, mas principalmente na batalha de ideias, contribuindo para construir um mundo em que a classe trabalhadora esteja plenamente livre.